



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Gláucia Temperini Ubaldo Torres

**O emprego de expressões de agressividade e sua
aplicabilidade no ensino de português para estrangeiros**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu do Departamento de Letras da PUC - Rio como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Formação de Professores de Português para Estrangeiros.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Albuquerque



Rio de Janeiro
Dezembro de 2015

Dedico essa monografia especialmente a minha amada mãe que já partiu e foi a maior incentivadora para que eu fizesse essa Pós. Infelizmente não deu tempo de ela compartilhar essa alegria comigo. Ao meu pai, pelo incentivo e apoio de sempre. Aos meus filhos e marido, que foram compreensivos, pacientes e tolerantes, pois abdicaram de várias coisas e momentos para que eu pudesse concluir com êxito este curso. Serei eternamente grata por proporcionarem essa oportunidade.

Agradecimentos

A Deus e todos os Guias espirituais, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

À professora Adriana Albuquerque, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes nesta jornada e no desenvolvimento desta monografia, em especial à Professora Cecília Carvalho pelos ensinamentos, convívio, apoio e confiança.

Aos meus amigos e às pessoas com quem convivi nesses espaços ao longo desses semestres, pelas alegrias, tristezas, dificuldades compartilhadas e principalmente por estarem comigo nesta caminhada tornando-a mais fácil e agradável.

Aos meus amados pais Anna Maria *in memoriam*, que me incentivou muito a fazer esta Pós-graduação antes de sua partida e infelizmente está acompanhando tudo de longe. E ao meu pai, Ubaldo, que me apoiou em todos os sentidos durante esse tempo.

Ao meu esposo Alexandro, pela paciência, pelo incentivo, pela força, pelo carinho e principalmente pelo companheirismo. Esta vitória é muito mais dele do que minha!

Agradeço também aos meus queridos e amados filhos, Caio e Lucas, que embora não tivessem conhecimento disto, deram-me força e coragem, de forma especial e carinhosa. Deixamos de estarmos juntos por vários finais de semana, renunciando a várias coisas e momentos para a conclusão deste curso.

Resumo

O objetivo desse trabalho é verificar o emprego de expressões de agressividade, mostrando que elas têm diferentes funções, significados e usos. Além disso, mencionar a dificuldade que os aprendizes de LE ou L2 têm no uso dessas estruturas que envolvem emoções e sentimentos. Por essa razão, na maioria das vezes, os aprendizes não percebem e nem sentem o real significado dessas expressões. Portanto, eles têm dificuldades para usá-las e quando resolvem colocá-las em prática, não utilizam de forma natural e espontânea. Isso acontece, devido à falta de conhecimento dos seus usos, do próprio valor semântico que elas carregam, de fatores culturais e até mesmo como esse indivíduo sente e vive essa língua alvo. Apesar dessas expressões serem importantes em situações complexas e específicas na vida cotidiana desses aprendizes, em geral, esse tema não é abordado adequadamente durante as aulas de PL2E ou L2. Em relação à pesquisa, os dados foram coletados de oito episódios de diferentes programas na tv e no *Youtube*. A pesquisa coletou dados de falantes nativos para mostrar algumas expressões e os seus usos. A análise foi baseada em conceitos da Sociolinguística interacional, interculturalismo e de noções básicas da psicanálise para mostrar porque existe essa dificuldade e como os professores de PL2E ou L2 podem desenvolver estratégias para trabalhar essa tema.

Palavras-chave: Expressões de agressividade; ensino-aprendizagem; Português para estrangeiros; L2; interculturalism; sociolinguística interacional; psicanálise.

Abstract

The aim of this essay is to check the use of aggressive expressions showing different functions, meanings and uses. Moreover, it's necessary to mention LE /L2 learners' difficulties when they need to use these types of expressions which are related to emotions and feelings. For this reason, learners really don't realize and don't feel the real meaning of these structures. Therefore, students have trouble using them. In fact they can't do it in a natural and spontaneous way. It happens because they don't have knowledge about their appropriate uses, the meaning which they have, cultural factors and finally the way of this speaker feels this target language. Although these expressions are very important and useful in complex and specific daily situations, most of time this theme isn't worked in a proper way during PL2E or L2 classes. In relation to the research, the datas were collected from eight different programs on TV and *Youtube*. The research has collected native speakers speeches to show some expressions and how they are used by them. The analysis is based on theoretical foundation as Interactional Sociolinguistics, Interculturalism and basic concepts of psychoanalysis to expose these difficulties and how PL2E or L2 teachers can develop some strategies to work with this topic appropriately.

Keywords: Aggressive expressions; teaching learning process; Portuguese as a foreign language; L2; Interactional Sociolinguistics, interculturalism; psychoanalysis.

Sumário

1 Introdução	07
1.1 <i>Tema</i>	<i>07</i>
1.2 <i>Objetivo Geral e Específico</i>	<i>08</i>
2 Revisão da literatura	09
3 Fundamentação teórica	11
3.1 <i>Sociolinguística Interacional</i>	<i>11</i>
3.2 <i>Interculturalismo</i>	<i>12</i>
3.3 <i>Considerações finais</i>	<i>14</i>
4 Pressupostos Metodológicos.....	17
5 Análise de dados.....	18
5.1 <i>Palavras agressivas e/ou ofensivas</i>	<i>18</i>
5.2 <i>Ironia</i>	<i>19</i>
5.3 <i>Imperativo</i>	<i>19</i>
5.4 <i>Pronomes + Agressividade</i>	<i>20</i>
5.5 <i>Interjeição</i>	<i>20</i>
5.6 <i>Expressões formulaicas.....</i>	<i>21</i>
6 Conclusão	23
7 Referências bibliográficas	25
8 Anexos.....	27

1. Introdução

Este trabalho tem como tema, “*O emprego de expressões de agressividade e a sua aplicabilidade no ensino de português para estrangeiros (PL2E)*”, o intuito é investigar como é a relação entre a 1ª (L1) e 2ª (L2) línguas ou língua estrangeira (LE) no processo de desenvolvimento destas últimas pelos falantes adultos. Tendo em vista esse processo, as palavras e/ou expressões de agressividade geram dificuldade e falta de naturalidade na aplicação destas pelos aprendizes de uma L2/LE, devido à falta de conhecimento dos seus usos, do próprio valor semântico que elas carregam, de fatores culturais e até mesmo como esse indivíduo sente e vive essa língua alvo.

Sendo assim, é notória a importância da utilização dessas expressões em situações complexas e específicas na vida cotidiana desses aprendizes. Além disso, essas expressões estão relacionadas a situações mais emotivas e agressivas que exigem uma carga emocional maior, tendo em vista que no ensino de PLE ou PL2, em geral, esse tema não é abordado durante as aulas. Logo, os aprendizes não têm a mínima noção de uso e aplicabilidade.

Pelo o fato de o aprendiz desconhecer o uso e principalmente por não sentir a carga afetiva que essas estruturas carregam, na maioria das vezes, faz com que o aluno não use e quando decide usar, não consegue produzir de forma natural por não sentir a carga emocional e afetiva que estão inseridas nessas expressões.

Portanto, o objetivo maior da pesquisa é confrontar e demonstrar como os falantes de L2 ou LE reagem quando se deparam com uma situação de agressividade e como podemos introduzir e ensinar esse assunto nas aulas de LE e/ou PLE2, acrescentando e apresentando juntamente aos gêneros textuais.

1.1 Tema

O nosso trabalho tem como objetivo analisar o uso das palavras e/ou expressões de agressividade e como os alunos de uma LE podem aprendê-las e utilizá-las em situações cotidianas e de agressividade de uma maneira natural e espontânea. Para a implementação dessa análise, servirá de fundamentação teórica

os conceitos básicos da Sociolinguística Interacional, do Interculturalismo e da Psicanálise em todas as suas dimensões, especialmente, a subjetiva, a cultural e a social.

É notório que as palavras e/ou expressões que exprimem agressividade geram dificuldade e falta de naturalidade em sua aplicação pelos aprendizes de PL2-E ou de LE, devido ao não conhecimento dos seus usos e do próprio valor semântico que elas carregam, à falta de aplicabilidade, além do fator cultural e sentimental dessa língua alvo. Sendo assim, percebe-se a importância da utilização dessas palavras e/ou expressões em situações complexas e específicas na vida cotidiana desses aprendizes relacionadas às situações mais emotivas e agressivas, tendo em vista que no ensino de LE ou L2, em geral, esse tema não é abordado durante as aulas.

Por isso, o aprendiz de uma LE geralmente não utiliza as palavras de agressividade e emoção, por não sentir a carga afetiva que essas estruturas carregam e também pela falta de conhecimento e de prática.

1.2

Objetivo geral e específico

O intuito deste trabalho é identificar, descrever e analisar as estruturas linguísticas que expressam agressividade no Português do Brasil. De modo mais específico: é compreender, distinguir e contextualizar o significado dessas estruturas, colocando-as em prática de uma maneira mais natural possível, fazendo com que os aprendizes tenham conhecimento dessas expressões em todas as variedades de uso.

2. Revisão da literatura

Segundo Esqueda (2012), Doutora da Universidade Federal de Uberlândia – Minas Gerais, o linguajar vulgar faz parte do vocabulário ativo da maioria das pessoas de quaisquer nacionalidades, sendo pronunciado em momentos de raiva, alegria, ansiedade, medo, entre outros. Seu uso é, às vezes, até mais comum do que se imagina, tornando difícil sabermos quando de fato estamos pronunciando um palavrão ou simplesmente uma gíria tabu, tendo sua ordem classificatória, se diluído em desordem, e as mensagens contraditórias convivem no mesmo espaço. Entretanto, o principal problema para a classificação da linguagem grosseira ou obscena estaria, pois, em definir o que é grosseria e obscenidade, porquanto tais conceitos são variáveis no tempo e espaço.

É o contexto que definirá se a palavra poderá ser considerada ou não obscena: É a situação (condições extraverbais que cercam o ato de fala) que nos permitirá caracterizar o que vulgarmente costuma chamar-se de ‘palavrão’, empregado como blasfêmia ou injúria. Os palavrões são, portanto, variações socioculturais do léxico de uma língua, diretamente ligadas aos seus elementos afetivos e expressivos, sendo difícil definir seus limites, pois este problema está relacionado aos aspectos histórico-sociais de determinado povo e época, aos seus valores morais, às vezes, o que era considerado um “termo proibido” ontem, hoje pode ser adotado por um grupo social, fazendo parte do vocabulário usual e familiar, ou seja, pode deixar de ser proibido devido ao uso frequente de determinado grupo.

O linguajar vulgar sempre esteve relacionado às classes mais baixas da sociedade ou de menor renda. Para o autor, este tipo de vocabulário seria uma forma de expressar certo “índice de inconformismo na sociedade”, como uma válvula de escape que serviria para evitar uma explosão mais intensa. Esta é a função social do palavrão, uma vez que seu significado sempre trará ideias revestidas de humor trágico, agressividade e metáforas amargas. Mas, atualmente, outras classes sociais incorporaram o palavrão em seu discurso.

O palavrão vem conquistando seu espaço por meio da divulgação, ao preencher, com a grosseria de imagens, a ênfase que a linguagem sentimental precisa, perdendo assim sua capacidade de ferir ao ganhar conotações afetivas e

até carinhosas, chegando até mesmo a virar moda pela boca dos jovens que começam a usá-lo em lugares em que antes o palavrão não seria admissível. Várias palavras proibidas passaram a se incorporar as letras musicais e, por meio destas, alcançaram seu sucesso ao apimentar roteiros de TV, vocabulário de radialistas, ao se estabelecerem de vez nos palcos teatrais (mesmo que no teatro já existisse a linguagem vanguardista que quebrava tabus) e ao substituírem as reticências ou expressões modalizadas e eufemismos nas legendas de filmes.

Os palavrões tornaram-se parte até mesmo da literatura contemporânea, incursionando-se nos domínios do linguajar vulgar, revelando eficiência na transposição de ideologias, de violência e agressividade urbanas, por meio das falas de narradores e personagens.

3. Fundamentação teórica

Para pesquisarmos o emprego de expressões que exprimem agressividade, nossa fundamentação teórica está ancorada em correntes relacionadas à Sociolinguística Interacional e ao Interculturalismo.

3.1 Sociolinguística Interacional

De uma maneira simples e objetiva, a Sociolinguística Interacional procura demonstrar que a fala em interação está sujeita a mudanças e interpretações que podem variar de acordo com o comportamento linguístico e paralinguístico (como pistas e marcadores), que, por sua vez, é controlado por e controlador de inúmeros contextos específicos, e estes podem ser bem mais apreendidos pelos participantes ou mesmo pelo analista em função da situação informada ou do sentido comunicado. Devido a isso, verificamos que durante o processo de aprendizagem, essa interpretação pelos seus participantes precisa ser redobrada no intuito de se perceber a real intenção do falante e do ouvinte para que de fato haja uma comunicação entre eles.

Segundo Meyer (2002),

na área de ensino de língua estrangeira, a compreensão de que um bom usuário de uma LE deve desenvolver um conjunto de competências, tais como: gramatical, sociolinguística, discursiva e estratégica. A necessidade de se considerar todas essas competências advém do fato de que o sucesso em uma comunicação real e intercultural não pode ser garantido apenas com base no conhecimento linguístico.

Por isso, para haver a comunicação real e intercultural precisamos de linguagem e interação humana. Na verdade, a linguagem é a ferramenta de comunicação utilizada pelos indivíduos de diferentes formas em diferentes tempos e espaços sociais. A troca de ideias ocorre entre sujeitos de um mesmo grupo social e também por outros totalmente distintos, seja pela condição social, econômica, religiosa, étnica, cultural ou até mesmo uma nacionalidade diferente.

Obviamente, o que possibilita de fato uma interação entre eles é o fenômeno linguístico. Em relação a questão de diferentes nacionalidades podemos ressaltar que na maioria das vezes os indivíduos têm espaços sociais e

características linguísticas diferentes e específicas pertinentes a cada lugar. Logo, conflitos culturais e linguísticos serão notórios, além do próprio indivíduo.

A principal noção que subjaz aos estudos de Goffman, é a de que o eu do indivíduo, ou ator social, é um elemento socialmente construído. Sendo assim, o indivíduo age e interage de acordo com outros interlocutores, mantendo um grau de respeitabilidade da sua face, às normas ou regras sociais da cultura dominante e a natureza da vida social referindo aos eventos do cotidiano.

Segundo Goffman apud Adail (2005),

a experiência social é governada eminentemente por “enquadres” (frames), cuja relevância está exatamente em demonstrar que os eventos, ações, performances e os eus não representam significados por si só, mas dependem dos enquadres para co-construírem e representarem significados culturais através da linguagem em uso.

Ou seja, para o indivíduo se enquadrar ele precisa saber interagir com diversos aspectos como o cenário, enunciados, léxicos, textos, linguagem em uso, gestos e cultura tendo noções de cortesia, deferência, discrição, parcimônia, escusas, agressividade etc, sendo condições indispensáveis para as relações sociais entre os interlocutores. Em seu artigo “The Neglected Situation”, Goffman (1964) esclarece que todo significado é situado, contextual, assegurando que o contexto deve ser compreendido como uma produção/criação conjunta de todos os envolvidos na interação, renovando-se e recriando-se a cada momento em que novos temas e/ou assuntos são invocados pelas necessidades interacionais dos interlocutores.

Por isso, esses enquadres como conhecimento prévio, contexto e situação social são estruturas sociais reconhecidas pelos interactantes em uma relação dinâmica de construção de significado. Dessa maneira, os enquadres se adaptam às formas complexas de nossa vida cotidiana, conforme à condução interacional que elegemos uns para com os outros, dinamizando o que queremos dizer e representar. O problema é quando os aprendizes não conseguem colocar em práticas esses frames, por não conhecerem ou então por não conseguirem ou até mesmo pela questão de diferentes culturas e pensamentos.

3.2 **Interculturalismo**

O interculturalismo refere-se à interação entre culturas de uma forma recíproca, favorecendo o seu convívio e integração em uma relação baseada no

respeito pela diversidade e no enriquecimento mútuo. Entretanto, para que haja essa troca de experiências, não podemos descartar as questões que envolvem sentimentos e emoções. Independentemente, da relação que o indivíduo tenha com algo ou alguém isso sempre gera um sentimento e uma emoção. Logo, é gerado duas consequências: que podem ser positivas, fazendo com que se crie um estímulo e uma motivação extra para a aprendizagem e gerando uma total liberdade. Por outro lado, uma negativa que pode ter um desestímulo, levando ao exílio e abandono.

Segundo Wierzbicka (1999), uma grande divisão surge entre o que são sentimentos e o que são emoções. São dois pontos centrais e controversos em relação à biologia humana e a língua e a cultura.

Alguns psicólogos se sentem mais confortáveis com o termo emoção do que sentimentos, pois são mais objetivos e reais. Já quando falamos de sentimentos tem uma fundamentação biológica, conseqüentemente é um estado mais subjetivo.

As emoções são complexas, são estados do organismo envolvendo sentimentos, comportamento, impulsos, mudanças psicológicas e esforços para manter o controle. O mensuramento das emoções é também um processo complexo.

Os antropólogos também preferem usar o termo emoções a sentimentos não só por causa da forma mais objetiva, mas também por causa das relações interpessoais e de base social. Línguas culturalmente formam e evidenciam maneiras diferentes de conceitualizar e categorizar a experiência humana.

O conceito de sentimento é universal e pode ser seguramente usado na investigação da experiência e natureza humana. Já o conceito de emoção é ligado a cultura e não pode depender de algo ou alguém.

Estudiosos que debatem a natureza das emoções estão interessados em algo mais, que apenas sentimentos. Na verdade, a noção de emoção não deve ser reduzida a sentimentos. Esse é um dos ideais que defendem tipos diferentes de abordagens para a emoção (biológica, cognitiva, cultural e social). Realmente os dois temas trazem muita confusão. As emoções não são cognitivamente baseadas com a prática de inclusão da categoria emoções, somente os sentimentos que foram relacionados a pensamentos.

Segundo Wierzbicka (1999),

a emoção não tem um componente cognitivo. Mantém-se o processo de emoção através da ligação do sentimento que deriva diretamente da atividade neuroquímica. Como exemplo: vergonha, raiva, tristeza e etc, e não por exemplo dores, sede que seria uma manifestação do físico.

Sendo assim, o professor poderia trabalhar algumas estruturas e expressões de agressividade, montando atividades que os alunos pudessem colocar em prática através de exercícios, textos e diálogos contextualizados. O desafio é grande para a aprendizagem de uma LE.

Logo, o aprendiz terá que distinguir as emoções envolvidas em cada relação interpessoal que aparecerá e a partir desse momento analisar as estruturas adequadas para cada contexto. Na maioria das vezes, o indivíduo precisa sentir essa emoção para que as estruturas sejam usadas de maneira natural e que de fato exprima o real sentido da expressão. A sugestão seria que durante uma aula de PL2E fossem trabalhados simultaneamente, para que haja êxito durante o processo.

3.3 Considerações finais

Para finalizar essas considerações, citaremos Revuz, que afirma que a Língua estrangeira acontece entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio.

Segundo Revuz apud Signorini (1998:214),

o encontro com outra língua aparece efetivamente como uma experiência totalmente nova. A novidade, entretanto, não está no encontro com o fenômeno linguístico como tal, mas nas modalidades desse encontro. A LE, objeto de saber de uma aprendizagem raciocinada é, ao mesmo tempo, próxima e radicalmente heterogênea em relação à primeira língua.

Essa não é uma tarefa simples até porque para executar essas ações e diferentes modalidades relacionadas à uma LE envolve diferentes habilidades e conhecimentos. De acordo com Revuz (1998), a LE gera uma liberdade ou um exílio. É preciso querer e tentar ser de uma maneira natural. Para isso é essencial mergulhar nesse outra língua e mundo para viver uma realidade com significados e sensações diferentes. Sendo assim, a releitura de um novo mundo acontece envolvendo diversos fatores, principalmente ligados ao desejo, afeto e a emoção.

Primeiramente, para viver essa nova experiência e realidade, é notório que haja um *desejo*. Esse desejo é que vai ser a força inicial para esse aprendiz querer aprender uma LE. Entretanto, isso não é o suficiente, pois a língua é também

objeto de uma prática que é extremamente complexa. Exigindo prática de expressão, mais ou menos criativa, envolvendo o sujeito e suas relações com os outros e o mundo. Além disso, tem toda uma expressão corporal e gestual e ainda precisa desenvolver e adaptar o aparelho fonador para novos sons, ritmos, entonação sem contar com as estruturas que precisam ser memorizadas para essa nova língua. Essa aprendizagem requer uma flexibilidade imensa do sujeito tanto física quanto psíquica.

Esse conjunto de habilidades como a afirmação do eu, trabalho do corpo e dimensão cognitiva podem gerar frustrações quando não são correspondidas. Durante a aprendizagem de uma LE, precisamos ao mesmo tempo relacionar uma série de fatores, como por exemplo: a relação que o aprendiz tem com o saber, o tempo, o corpo e com ele mesmo solicitando uma boa estruturação psíquica e da linguagem. Quando o sujeito tenta aprender uma outra língua surgem vários questionamentos, perturbações, modificações, paralelismos daquilo que já está inscrito nele, que é de fato a língua materna, cercada de emoções e muito afeto. A língua antes de ser objeto de conhecimento, é o material responsável pela formação do nosso psiquismo e de nossa vida relacional. Por isso, o encontro da L1 com a L2 geram reações diversificadas.

Além do desejo, o aprendiz precisa de afeto. O afeto é um outro pilar que vai fazer esse indivíduo prosseguir na sua aprendizagem. Ele precisa ter o desejo de aprender mas, esse desejo sozinho não basta para manter o aprendiz motivado. Quando aprendemos uma outra língua, por mais que estejamos cheios de desejo em aprender, quando encontramos muitas dificuldades, começamos a nos desmotivar e aí que entra o afeto. Esse afeto está diretamente ligado com aprendizagem e com o próprio professor. Que terá um papel essencial e diferenciador para a aquisição dessa outra língua.

O afeto que é gerado na língua materna desde os primeiros sons, é primordial para gerar prazer ou desprazer. Consequentemente essas reações irão se refletir em todos os sentidos e em todas as sensações desse indivíduo. Nesse caso, quando aprendemos a LM, passamos a significar o mundo através do nosso cuidador. A LM jamais irá se separar dessa sedimentação afetiva. Pois o que liga o indivíduo a uma língua é o afeto. Já na LE, não tem afeto, por isso o aprendiz tem muita dificuldade em aprender e se relacionar. Ele precisa se permitir reconstruir um novo EU e novo mundo. Passando a significar esse novo mundo

com outros olhos. Nesse caso, o professor tem um papel primordial em tentar promover de alguma maneira esse afeto, que também contribuirá para manter esse aprendiz disposto em continuar aprendendo. Mesmo que haja muitos obstáculos durante esse processo. O afeto irá trabalhar juntamente com o desejo, no intuito de manter a chama acesa. Obviamente, o que liga você a uma língua é o afeto. Entretanto, o afeto gera emoção. E muitas vezes, o aprendiz se comunica em uma LE, mas o afeto que ele tem não é o suficiente para sentir a LE com todas as suas nuances, sensações e emoções.

4.

Pressupostos metodológicos

A metodologia a ser utilizada no presente trabalho é de base qualitativa e se baseia em alguns episódios dos programas: *Vai que Cola*, *Parafernália* e *Porta dos Fundos*, exibido no multi show e no *Youtube*.

Os episódios que foram trabalhados serão mencionados durante a exposição da coleta dos dados.

Durante os episódios foram destacadas algumas expressões e/ou frases que expressam agressividade em diversos níveis em situações praticadas por brasileiros. O intuito é descobrir como os falantes nativos se expressam durante uma discussão ou uma situação adversa que tenha que usar palavras mais agressivas. E como podemos ensinar aos falantes de uma LE. O aprendiz de uma LE geralmente não utiliza as palavras de agressividade e emoção, por não sentir a carga afetiva que essas estruturas carregam e também pela falta de conhecimento e de prática.

5. Análise de dados

Podemos afirmar que em todas as culturas há diferentes maneiras de expressar as palavras e/ou expressões de agressividade. As mesmas podem variar na sua intensidade (podendo ser mais ou menos agressivas), nas ideias e intenções e também serem utilizadas de forma irônica, enfatizando e com duplo sentido. Para tornar o presente trabalho mais claro e prático, foram selecionadas algumas falas dos episódios dos programas *Vai que cola*, *Porta dos fundos* e *Parafernália*.

A partir da fala dos personagens, fizemos a análise destes, categorizando um conjunto de palavras de agressividade e/ou ofensivas e cinco subconjuntos (ironia, imperativo, pronomes + agressividade, interjeição e expressões formulaicas) objetivando exemplificar possíveis formas de usos das expressões de agressividade pelos nativos. A presença dessas formas distintas de uso pretende demonstrar a importância da abordagem em aula por parte do professor de uma LE.

5.1 Palavras agressivas e/ou ofensivas

De acordo com o Dicionário Houaiss (2001), palavrão é palavra grosseira e/ou obscena, bocagem, impropriedade, linguarada, obscenidade, pachouchada, palavrada, porcaria, turpilóquio. Os brasileiros têm um ‘carinho’ especial pelo palavrão. Fala-se sempre, por qualquer motivo: alegria, tristeza, raiva, xingamento, cumprimento, dor, enfim, o palavrão está presente na boca do rico, do pobre, do homem, da mulher, de todos com sangue nas veias. Independentemente da classe socio econômica e dos níveis intelectuais.

De um modo geral destacaremos abaixo algumas palavras que expressam agressividade ou ofensa em relação a alguém ou algo. Na maioria das vezes, o simples fato de dizer, remete-nos algo negativo como podemos verificar nos exemplos (3.1), (3.2), (3.3), (4.1), (4.2), (4.3), (4.4), (4.5), (5.1) e (8.4) (cf. anexo). Em contrapartida, algumas destas palavras podem ter outros sentidos, até mesmo positivos, como no exemplo (4.6), que apesar de usar a palavra que na maioria das vezes remete a algo negativo, nesse caso está querendo dizer que seria um grande

nome, é claro que pelo contexto tem um tom irônico por trás. Mas mesmo assim, o significado de um grande e excelente nome se mantém.

Os exemplos mencionados acima, podem ser associados à Sociolinguística Interacional, pois os mesmos estão sujeitos a mudanças e interpretações que vão variar de acordo com o comportamento linguístico e paralinguísticos. Para haver essa compreensão o indivíduo precisa decodificar esses códigos e intenções. Por isso, o falante precisa perceber a real intenção, para que a interpretação e o uso sejam adequados.

5.2 Ironia

Baseando-se na corrente da Sociolinguística Interacional, o indivíduo age e reage de acordo com outras pessoas e situações, mantendo as regras sociais. Mas, além disso, não podemos esquecer que o falante é o eu do indivíduo ou ator social. Por isso, demonstra as ações e reações de acordo com as suas intenções. Sendo assim, brinca com os recursos da língua, utilizando nesse caso, a ironia. Que de uma maneira geral a ironia consiste na inversão de sentido: afirma-se o contrário do que se pensa, visando à sátira ou à ridicularização. Como vimos no exemplo (4.6) (cf. anexo), a palavra apesar de ser agressiva, nesse contexto destaca-se como algo positivo e de até mesmo elogio. Certamente, percebemos também a ironia devido ao contexto.

5.3 Imperativo

O modo verbal chamado Imperativo está ligado, pela origem do latim *imperare* que significa “comandar” pode expressar uma ordem, pedido, recomendação, alerta, convite, conselho, súplica, etc. O imperativo também se faz presente durante o uso das expressões de agressividade. É utilizado no intuito, de fortalecer ainda mais a forma agressiva. Nos exemplos (2.1) e (6.1) (cf. anexo), podemos comprovar isso. Obviamente, que temos como falar a mesma coisa de uma maneira mais suave, entretanto em um momento de raiva, a entonação e as escolhas das palavras também precisam se adequar para fazer sentido para aquele contexto específico. No exemplo (6.1), ainda teve o uso do pronome “sua”

ênfatizando ainda mais. Essas escolhas fazem parte das decisões dos falantes, no intuito de ênfatizar mais ou menos. Segundo a Sociolinguística Interacional, todo significado é situacional e contextual assegurando obviamente as relações entre os interlocutores, renovando-se e recriando-se a cada momento em que novos temas e situações são invocados pelas necessidades interacionais.

5.4

Pronomes + Agressividade

Outro ponto que podemos destacar refere-se ao uso de pronomes antes das palavras de agressividade. Como mencionamos acima, o uso dos pronomes serve para produzir um efeito mais ênfático durante a ofensa. E sem dúvida, fica a critério do falante e no efeito que ele quer causar. Conforme os exemplos coletados em (5.2), (6.1), (7.1) (cf. anexo). Todos eles, além de já terem o valor semântico de ofensa e agressividade nos vocábulos, têm um pronome para ênfatizar e direcionar essa ofensa. Como podemos observar todos os pronomes foram possessivos.

De acordo com a Sociolinguística Interacional, a condução interacional é feita conforme a vontade e a situação estabelecida pelo contexto e pelos falantes. Logo a opção de acrescentar algum elemento ao modo de se expressar do falante vai obviamente ficar a critério dele mesmo dependendo da intenção ou até mesmo realçar ou ênfatizar algum elemento, como nesse caso.

5.5

Interjeição

A interjeição ainda é considerada uma classe gramatical, apesar de ter controvérsias. Argumentando que a interjeição se dá muito mais pela semântica da palavra do que pela forma.

Sendo assim, por definição básica, a interjeição é uma palavra (ou frase) invariável que expressa emoções, sentimentos, sensações. Ela não possui nenhuma relação sintática com o restante do período no qual se encontra, e pode ser compreendida sozinha, sem auxílio de nenhuma outra palavra ou frase.

Segundo Cunha & Cintra (2013), “*interjeição é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções*”. É a expressão das emoções do

próprio interlocutor, sendo, portanto, bastante estudada pela semântica e pela pragmática.

São geralmente consideradas “diferentes” das demais classes gramaticais, pelo fato de não assumirem função sintática, de terem uma difícil caracterização morfológica e de virem das mais diversas origens filológicas.

A análise do discurso sugere analisarmos as interjeições segundo o contexto no qual se apresentam, mas há outros fatores como a entonação e a mímica (o gesto do falante), que podem alterar o significado da mesma. Dessa forma, considera-se a interjeição como polissêmica, ou seja, uma mesma interjeição pode possuir uma variação de sentido.

As interjeições são extremamente comuns quando tratamos desse tema. Na verdade, temos uma diversidade imensa de interjeições e cada uma delas carrega um valor semântico que dependerá também da entonação e da intenção do falante para a produção do efeito que ele quer atingir. Nos exemplos (1.1) e (1.2) (cf. anexo), podemos destacar a interjeição e ainda no exemplo (1.2) destaca-se também a repetição e a inclusão de um pronome demonstrativo dando uma ideia de ênfase.

De acordo com a corrente da Sociolinguística Interacional, a experiência social é feita através de enquadres que vamos construindo e desconstruindo dependendo do contexto. Além disso, as emoções estão presentes o tempo todo. Vamos delineando cada entonação de acordo com nossa intenção e sentimento. E nesse ponto, entra o Interculturalismo que diz que as emoções são complexas e que envolvem sentimentos, impulsos, mudanças psicológicas esforços para manter o controle. As interjeições são excelentes exemplos de o falante poder expressar e extravazar seus sentimentos.

5.6

Expressões formulaicas

As expressões formulaicas formam parte de uma interação social e enfocam a relação entre os interlocutores. As expressões formulaicas são combinações de palavras associadas na mente de todos, frequentemente repetidas em uma seqüência. O uso de expressões com diferentes graus de variabilidade de forma é extremamente comum no português do Brasil.

Destacamos os exemplos (8.2) e (8.3) (cf. anexo), que são expressões formulaicas e que acontecem por substituição, elas são muito utilizadas na linguagem oral. Esse “que” se repete e o interlocutor só vai modificando de acordo com a sua intenção e emoção. Essa estrutura com o “que” é muito comum, principalmente quando o falante está querendo se expressar de forma mais enfática ou até mesmo mais agressiva. Muda a entonação de acordo com a sua decisão, para emitir a sua mensagem e tentar se fazer entender para o receptor. No entanto, a necessidade de se definir critérios ou procedimentos para identificá-las e apresentarmos a sua importância para a *performance* linguística do aprendiz, não é tarefa fácil. Baseando-se na corrente do Interculturalismo a cada relação, diferentes emoções serão envolvidas e conseqüentemente reações também, segundo Wierzbicka (1999).

Finalizamos aqui a apresentação da nossa análise e, a seguir, discutiremos sobre nossa conclusão.

6. Conclusão

O português para estrangeiros tem se mostrado uma área em grande desenvolvimento que tem crescido bastante no Brasil nos últimos anos. Entretanto, alguns aspectos da descrição gramatical voltada para as necessidades do falante não-nativo carecem de uma maior atenção.

É o caso do uso de expressões que exprimem agressividade, com diferentes nuances, como por exemplo, em situações de ironia, no uso da forma imperativa, associadas a pronomes possessivos no intuito de enfatizar às expressões, nas interjeições que vão expressar diferentes valores semânticos dependendo do sentimento e intenção do falante e as expressões formulaicas que são combinações de palavras. Todas essas explicações já foram feitas na análise de dados. Por isso, percebe-se a necessidade de se definir critérios ou procedimentos para identificá-las e para verificar que espaço tais expressões ocupam na descrição do Português Língua Estrangeira (PL2E) ou de uma LE.

É notório que o material didático disponível no mercado, quando apresenta tais expressões, faz menção incipiente das mesmas. O máximo que encontramos são listas de expressões que não apresentam uma organização clara para o aprendiz, sem uma proposta de trabalho. Uma questão que merece destaque é que tais expressões são mais características na língua oral. Linguagem, não são pensadas e apresentadas de uma maneira adequada, dificultando ao aluno seu conhecimento, entendimento e uso.

Por isso, apresentar essas expressões e aplicabilidade são de extrema relevância para a *performance* linguística do aprendiz. Essas expressões são de suma importância no cotidiano das pessoas no intuito de reivindicar, reclamar por algo ou discordar de alguém de maneira mais agressiva. Enfatizar ao aprendiz que é preciso usá-las de maneira espontânea e natural. Mesmo assim, sabemos que algumas se tornam mais difíceis que outras pelo aspecto semântico.

Como os aprendizes não são nativos, apresentam dificuldade em colocá-las em práticas por não sentirem as cargas afetiva e emocional que essas estruturas trazem na língua alvo. Não podemos esquecer que muitas vezes não praticamos também por permanecermos na nossa zona de conforto que é a nossa LM. Além disso, algumas delas acabam se tornando artificiais para uso, devido à falta de

conhecimento e de prática. E também pela falta de afeto, estimulação e motivação do professor.

Segundo Revuz (1998), a tentativa de aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está escrito em nós com as palavras dessa primeira língua.

Logo, o desafio é aprender uma língua, conseqüentemente é aprender a significar nessa nova língua. E isso implica entrar em relações com outros em busca de experiências profundas, válidas, pessoalmente relevantes, capacitadoras de novas compreensões e mobilizadoras para ações subsequentes. Aprender uma língua é crescer numa matriz de relações interativas na língua alvo que gradualmente se desestrangeira para quem a aprende.

7.

Referências bibliográficas

ADAIL, Sebastião RODRIGUES JÚNIOR. Linguagem & Ensino, Vol. 8, Nº 1, 2005 (123-148) *Metodologia sócio-interacionista em pesquisa com professores de línguas: revisitando Goffman (Using socio-interactional methodology to investigate Language teachers: Goffman revisited)* Universidade Federal de Minas.

ALMEIDA, Patricia Maria Campos de; MEYER, Rosa Marina de Brito. *A elaboração da opinião desfavorável em português do Brasil e sua inserção nos estudos de português como segunda língua para estrangeiros (PL2E)*. Rio de Janeiro, 2007, 300p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

AUSTIN, John L. *How to do Things with words*. New York: Oxford University Press, 1965. SEARLE, John R. Expression and meaning. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro da. Pragmática: a ordem dêitica do discurso.

CARVALHO, Maria Cecília Gonsalves; MEYER, Rosa Marina de Brito; LONGO, Leila Souto de Castro. *O papel do Inglês como primeira língua em ensino – aprendizagem de Português como segunda língua para estrangeiros*. Rio de Janeiro, 2013, 100p. Tese de Doutorado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CHAMBERLAIN, Bobby e HARMON, Ronald. *Dicionário sobre português brasileiro informal: A Dictionary of Informal Brazilian Portuguese* -. Georgetown – University Press, 1983.

CUNHA, Celso; CINTRA Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6ª edição – Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

ESQUEDA, Marileide Dias. *A questão da tradução dos palavrões*. Disponível em: <<http://www.hispanistas.org.br/arquivos/revistas/sumario/revista3/145-161.pdf>>, acesso em 09 de out. de 2015.

GOFFMAN, E; *The Neglected Situation*. American Anthropologist - University of California, Berkeley, 1964

HOUAISS, A; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

REVUZ, C. *A Língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio*. In: SIGNORINI, Inês. *Língua(gem) e Identidade*, Campinas. Mercado das Letras: São Paulo, 1998, p.229.

WIERZBICKA, Anna. *Emotions across language and cultures: Diversity and Universals*. Cambridge University Press, 1999.

8. Anexos

1. Programa Porta dos fundos, episódio “Os 10 mandamentos”

Um homem estava falando os 10 mandamentos...

– Não matarás!!

E o outro diz que... – Há 1 hora atrás eu matei um homem e gostaria de saber se serei punido... Porque se for ...**é sacanagem.**(1.1)

E um segundo homem grita: – **É sacanagem... Isso é sacanagem!!** (1.2)

2. Programa Porta dos fundos, episódio “Superávit”

Situação entre dois deputados que estão falando sobre propina, um não quer aceitar.

– Sabe quem que eu quero ajudar... O povo brasileiro...

– **Não fode**, Laércio, **não fode** (2.1)

– Vou usar esse dinheiro para saúde, educação, para alguma coisa boa para o povo.

– **Não dá, não dá!!!** (2.2)

3. Programa Porta dos fundos, episódio “Meias palavras”

Um rapaz entrevistando uma moça. Os dois pertencem à região Nordeste.

– Qual é o seu nome?

– Sirlene.

– Como é o seu nome de homem?

– Não sou homem não...

– Operaste foi?

– É que eu já nasci mulher já, moço.

– Quando foi que você virou **puta**? (3.1)

– Tu tá **maluco**? (3.2)

– Tu me chamaste de **puta**? (3.3)

4. Programa *Porta dos fundos*, episódio “Na lata”

Um repositor de mercado com uma cliente.

- Opa, você quer uma ajuda?
- Estou procurando o meu nome na lata.
- Qual é o seu nome?
- Kelen.
- Kelen, é um nome **ruim** (4.1), **merda** (4.2), nome de **puta**(4.3) a coca não faz.
- Gente, você **tá louco** (4.4)? **Tá maluco** (4.5).
- Ah ta! Kelen é um **puta** (4.6) nome... Se você quiser procura na promoção do dolly que é bem semelhante, mas só tem nome **merda** (4.7).

5. Programa *Vai que cola*, episódio *jeitinho brasileiro* temporada 2 episódio 1

Conversa entre dois personagens, sendo que um deles estava aguardando um telefonema referente a um concurso...

- Estou esperando um teste.
- Só se for teste de gravidez, vai explodir essa **merda**. (5.1)
- Aceita que dói menos, **seu babaca!** (5.2)

6. Programa *Vai que cola*, episódio *jeitinho brasileiro* temporada 2 episódio 1

Conversa entre duas personagens: uma estava tentando entender o que uma falsa gringa estava falando.

- Blá ,blá blá...
- **Cala a sua boca!** (6.1)
- Gente, não entendi nada o que ela falou.

7. Programa *vai que cola*, episódio *jeitinho brasileiro* temporada 2 episódio 1

Dois personagens estavam conversando e uma caiu no chão porque ouviu uma notícia. O rapaz foi ajudá-la, mas a chamou de obesa e ela respondeu imediatamente: – **Eu dou na tua cara!!!** (7.1)

8. Parafernália, episódio “Frases Malditas”

Uma mulher jogando no celular...

Pô... (8.1) Que saco!(8.2) Que raiva (8.3) esse jogo!!!

Só mais uma vez e eu saio.

Outra mulher jogando no celular...

Que jogooooo **malditoooo!!! (8.4)**

De novo! De novo!